

# Saúde no Brasil

Tão ou mais grave que a crescente falta de recursos oficiais para investimentos na área de saúde — que se traduz na insuficiência de leitos hospitalares, de profissionais e de medicamentos — é a corrosão moral que o setor vem sofrendo nos últimos anos. Um levantamento coordenado por técnicos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que rendeu um estudo intitulado “Sucateamento da Rede Pública e Privada de Saúde”, constatou que a política de fraudar generalizou-se em todo o sistema, seja como forma de “ajustar” o preço dos serviços particulares pagos pelo Governo aos preços de mercado, seja para reforçar a remuneração dos profissionais da área.

Segundo o mesmo estudo, a fraude sistemática teve como origem a política governamental de pagamento de preços irrealistas aos prestadores de serviço na rede privada. Várias práticas irregulares, inventadas para contornar esta remuneração insuficiente, tornaram-se permanentes. Entre elas, destacam-se o pagamento de taxas “por fora” e o encaminhamento forçado de doentes para a rede privada. Assim, estabeleceu-se a corrupção, que, aos poucos, foi minando a consciência ética dos prestadores de serviço, de tal forma que alguns deles persistem na fraude mesmo quando as tarifas pagas pelo Governo atingem níveis satisfatórios.

Dentro deste quadro geral de descalabro, constata-se, por exemplo, que os investimentos oficiais — insuficientes, decrescentes — estranhamente concentram-se no erigimento de novos prédios, ao invés de serem gastos na manutenção ou na melhoria da rede já existente. O Brasil, que chegou a aplicar, em 1980, US\$ 111 milhões em saúde, gastou apenas US\$ 34 milhões, em

1986. Da mesma forma, o número de leitos hospitalares caiu de 532 mil, em 1985, para 522 mil, em 1989.

A falta acentuada de médicos de certas especialidades, como pediatria e ginecologia, é sentida com maior intensidade nas regiões mais pobres. O Nordeste, por exemplo, tem um déficit de 5,4 milhões de consultas pediátricas por ano. O déficit de consultas ginecológicas também é impressionante, chegando a 16 milhões por ano em todo o País.

Já no que se refere aos profissionais de saúde, ao mesmo tempo em que cresce o descaso para com os pacientes, aumenta o interesse pelo corporativismo, aparentemente o único meio de que dispõem os funcionários mais humildes para aumentar seus magros salários. Mas o mesmo fenômeno empolga até mesmo os profissionais que têm remuneração condizente.

O caos do sistema de saúde está diariamente nos veículos de comunicação. Os meios eletrônicos exploram cotidianamente os dramas fatais que se sucedem às portas de hospitais lotados ou onde não existem profissionais de plantão. O problema se arrasta pelo tempo, cada vez mais grave, cada vez mais chocante, sem que algo seja feito para superá-lo. O aspecto mais impressionante e positivo do estudo do IPEA é, sem dúvida, o fato de denunciar o sucateamento moral do setor de saúde. Ao contrário do que se diz, a questão não é apenas de alocar mais dinheiro para obras ou de conceder salários maiores aos profissionais da área. O essencial é recuperar os princípios éticos que devem, obrigatoriamente, nortear a atividade daqueles que lidam com vidas humanas.